



Journal of Nursing

Revista de Enfermagem

UFPE On Line

ISSN: 1981-8963

EDITORIAL

Marta Angélica Iossi Silva. Nurse. Ph.D Professor from the Mother and Child Nursing and Public Health Department of the of the Ribeirao Preto Nursing School of Universidade de Sao Paulo (USP). Ribeirao Preto (SP), Brazil. E-mail: maioffi@erp.usp.br

ADOLESCENCE: RESIGNIFY IT TO UNDERSTAND IT AND ACT

Currently, we have seen a significant increase in the adolescents' visibility, who are more and more in evidence, and such an exposure is, many times, paradoxical and contradictory, now it is highlighted due to its social exclusion, the so often announced illegality and criminality, then it is highlighted because of its transforming potential, its social participation, within the family, the school, and the community.

According to Unicef, adolescence is "a window of opportunities".¹ Do we believe in adolescents?

If, in one turn, adolescence has been historically defined as a transition period from childhood to adult life, where the idea of this transitoriness is marked by the aspects of physical and behavioral changes, presenting expressions such as "transition phase", "identity crisis", "affirmation process", in the other, we still live with the vestiges of the long period in which these individuals were seen as "minors" – term that turns apparent the fact that their value, rights, and abilities were considered smaller than those of adults. This culture excluded adolescents from social participation, favored their alienation and immaturity and delegated to other persons the right and duty of deciding what should be better for them.

The starting point for the (re)construction of a concept of adolescence is the approach to it as a specific phase of human development, characterized by multiple changes and transformations, crucial for the human being to reach maturity and get into society playing the role of adult, but, above all, as a life stage which aggregates rights-bearing subjects who deserve to be seen as

active actors in society, able to possess and embody civic values and attitudes which allow them to live together in an autonomous way in the contemporary world, if they are given enough opportunities, access to social goods, fulfillment of their needs... opportunities of life and living.

This way, it is important to understand that as man constitutes himself in the dialectic relation to the social domain and history, determining his historicity and singularity, the process of going through adolescence and, consequently, the adolescent as a subject, also are historically determined and constituted as meanings within the culture, language, and representation that pervade the social relations and significations²⁻³, thus, they are not something naturalized.

In this conceptual sphere, the adolescent being is always a social being and a historic being, a particular being and a collective being. The particularity characterizes itself by the fact that everyone is a unique being; collectivity establishes the relation between a human being and society, this is the development of the "conscience of us", the commitment of everyone to her/his social group. Thus, going through adolescence is established as a biological, social, cultural, historically constituted interaction.

To understand adolescence without adopting a historic and dialectic perspective can lead us to a naturalization of this phase and a labeling of behaviors, impairing the understanding and contribution we can provide to adolescents.

REFERENCES

1. Organização das Nações Unidas. Unicef. Situação da adolescência brasileira. Brasília: Unicef Brasil; 2002.
2. Aguiar MJA, Bock AMB, Ozella S. A orientação profissional com adolescentes: um

exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: Bock AMB, Gonçalves MGM, Furtado O. (Org.). Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez; 2001. p. 163-178.

3. Aguiar WMJ, Ozella S. Desmistificando a concepção de adolescência. Cad Pesqui. 2008;38(133):97-124.

ADOLESCÊNCIA: RESSIGNIFICÁ-LA PARA COMPREENDÊ-LA E ATUAR

Na atualidade, temos visto um significativo aumento da visibilidade dos adolescentes, que estão cada vez mais em evidência, e essa exposição, muitas vezes, é paradoxal e contraditória, ora destacada pela sua exclusão social, sua tão proclamada marginalidade e criminalidade, ora pelo seu potencial transformador, sua participação social, na família, na escola, na comunidade.

De acordo com a Unicef, a adolescência é “uma janela de oportunidades”.¹ Acreditamos nos adolescentes?

Se, por um lado, a adolescência venha sendo historicamente definida como um período de transição da infância para a vida adulta, onde a ideia dessa transitoriedade é marcada pelos aspectos das transformações físicas e comportamentais, carregando expressões como “fase de transição”, “crise de identidade” e “processo de afirmação”, por outro, ainda vivemos com os resquícios do longo período no qual esses indivíduos foram encarados como “menores” – termo que explicita o fato de que o seu valor, direitos e capacidades eram considerados menores do que os dos adultos. Essa cultura excluiu os adolescentes da participação social, favoreceu a sua alienação e imaturidade e delegou a outrem o direito e a tarefa de decidir o que seria melhor para eles.

O ponto de partida para a (re)construção de um conceito de adolescência é a sua abordagem como uma fase específica do desenvolvimento humano, caracterizada por múltiplas mudanças e transformações, fundamentais para que o ser humano atinja a maturidade e se insira na sociedade no papel de adulto, mas, sobretudo, como uma etapa da vida que agrega sujeitos detentores de direitos que merecem ser vistos como atores ativos na sociedade, capazes de ter e incorporar valores e atitudes cidadãos que os permitam conviver de forma autônoma no mundo contemporâneo, se a eles forem dadas as devidas oportunidades, acessibilidade aos bens sociais, atendimento de suas necessidades... oportunidades de vida e viver.

Nesse sentido, é importante compreender que tal como o homem se constitui na relação dialética com o social e com a história, determinando sua historicidade e singularidade, o processo de adolecer e, conseqüentemente, o sujeito adolescente, são também determinados historicamente e constituídos como significados na cultura, na linguagem e na representação que permeiam as relações e as significações sociais²⁻³, portanto, não se constituindo como algo naturalizado.

Nesse plano conceitual, o ser adolescente é sempre um ser social e um ser histórico, um ser particular e um ser coletivo. A particularidade caracteriza-se pelo fato de cada um ser único; a coletividade estabelece a relação entre o ser humano e a sociedade, trata-se do desenvolvimento da “consciência do nós”, o compromisso de cada um com o seu grupo social. Assim, adolecer estabelece-se como uma interação biológica, social, cultural e historicamente construída.

Compreender a adolescência sem adotar uma perspectiva histórica e dialética pode nos levar a uma naturalização dessa fase e a uma rotulação de comportamentos, prejudicando a compreensão e a contribuição que podemos dar aos adolescentes.

REFERÊNCIAS

1. Organização das Nações Unidas. Unicef. Situação da adolescência brasileira. Brasília: Unicef Brasil; 2002.
2. Aguiar MJA, Bock AMB, Ozella S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: Bock AMB, Gonçalves MGM, Furtado O. (Org.). Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez; 2001. p. 163-178.
3. Aguiar WMJ, Ozella S. Desmistificando a concepção de adolescência. Cad Pesqui. 2008;38(133):97-124.

ADOLESCENCIA: RESIGNIFICARLA PARA COMPRENDERLA Y ACTUAR

En la actualidad, tenemos visto un significativo aumento de la visibilidad de los adolescentes, que están cada vez más en evidencia, y esa exposición, muchas veces, es paradójica y contradictoria, ora destacada por su exclusión social, su tan proclamada marginalidad y criminalidad, ora por su potencial transformador, su participación social, en la familia, en la escuela, en la comunidad.

De acuerdo con la Unicef, la adolescencia es “una ventana de oportunidades”.¹ ¿Nosotros acreditamos en los adolescentes?

Si, por un lado, la adolescencia tiene sido históricamente definida como un periodo de transición de la infancia hasta la vida adulta, aun la idea de esa transitoriedad es marcada por los aspectos de las transformaciones físicas y comportamentales, cargando expresiones como “fase de transición”, “crisis de identidad” y “proceso de afirmación”, por otro, aun vivimos con los resquicios del longo periodo en lo cual esos individuos fueron encarados como “menores” – término que explicita el facto de que su valor, derechos, y capacidades eran considerados menores que los de los adultos. Esa cultura excluyó los adolescentes de la participación social, favoreció su alienación y inmadurez y delegó a otros el derecho y la tarea de decidir lo que sería mejor para ellos.

El punto de partida para la (re)construcción de un concepto de adolescencia es su abordaje como una fase específica del desarrollo humano, caracterizada por múltiples cambios y transformaciones, fundamentales para que el ser humano llegue a la madurez y se insiera en la sociedad en el papel de adulto, pero, sobre todo, como una etapa de la vida que agrega sujetos detentadores de derechos que merecen ser vistos como actores activos en la sociedad, capaces de tener e incorporar valores y actitudes ciudadanas que los permitan convivir de forma autónoma en el mundo contemporáneo, si tuvieran las debidas oportunidades, accesibilidad a los bienes sociales, atendimento de sus necesidades... oportunidades de vida y vivir.

En ese sentido, es importante comprender que así como el hombre se constituye en la relación dialéctica con el social y con la historia, determinando su historicidad y singularidad, el proceso de adolescer y, consecuentemente, el sujeto adolescente, son también determinados históricamente y constituidos como significados en la cultura, en el lenguaje y en la representación que permean las relaciones y las significaciones sociales²⁻³, por lo tanto, no se constituyen como algo naturalizado.

En ese plano conceptual, el ser adolescente es siempre un ser social y un ser histórico, un ser particular y un ser colectivo. La particularidad se caracteriza por el facto de cada uno ser único; la colectividad establece la relación entre el ser humano y la sociedad, se trata del desarrollo de la “consciencia del nosotros”, el compromiso de cada uno con su grupo social. Así, adolescer se establece como

una interacción biológica, social, cultural e históricamente construida.

Comprender la adolescencia sin adoptar una perspectiva histórica y dialéctica puede nos llevar a una naturalización de esa fase y a una rotulación de comportamientos, perjudicando la comprensión y la contribución que podemos dar a los adolescentes.

REFERENCIAS

1. Organização das Nações Unidas. Unicef. Situação da adolescência brasileira. Brasília: Unicef Brasil; 2002.
2. Aguiar MJA, Bock AMB, Ozella S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: Bock AMB, Gonçalves MGM, Furtado O. (Org.). Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez; 2001. p. 163-178.
3. Aguiar WMJ, Ozella S. Desmistificando a concepção de adolescência. Cad Pesqui. 2008;38(133):97-124.

Corresponding Address

Ph.D Professor Marta Angélica Iossi Silva
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
Av. dos Bandeirantes, 3900 – Campus
Universitário
CEP: 14040-902 – Ribeirão Preto (SP), Brazil